

# Pesquisar, bricolar, reinventar e subverter

## *Research, bricolage, redo and transform*

Genivaldo Frois Scaramuzza

Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR),  
Departamento de Educação Intercultural. Doutorando  
em Educação pela UCDB. Bolsista PROSUP/CAPES.  
E-mail: scaramuzza1@gmail.com

MEYER, Dogmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

A obra *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*, organizada por Marlucy Alves Paraíso, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Dagmar Estermann Meyer, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), traz juntamente com as reflexões das organizadoras, outros treze autores que instiga-nos a observar a forma como reinventam técnicas, reorganizam teorias, subvertem modelos e problematizam as possibilidades de pesquisas em uma perspectiva pós-crítica em educação. Já no prefácio, produzido por Denise Gastaldo, é possível compreendermos que o livro refere-se à possibilidade de “envolver-se na ambivalente tarefa de explorar modos alternativos de pensar, falar e potencialmente fazer determinadas práticas sociais e, concomitantemente, remodelar as metodologias de pesquisas” (p. 10).

Parafraseando Gastaldo, a obra refere-se à possibilidade que temos em mãos de observar de perto a forma como pesquisadoras e pesquisadores, vinculados principalmente aos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFMG e UFRGS, compartilham conosco seus mapas conceituais, suas rotas de “navegação” pelas quais nos permitem “velejar” nos mares inquietos da pesquisa. De modo geral, os capítulos que compõe a obra, estruturam-se de forma harmônica, e, apesar de versarem elementos e estratégias de pesquisas distintas, não perdem a coerência com a perspectiva pós-crítica que apresentam. Produzem a flexibilização dos instrumentos, das ferramentas de pesquisas, contestando o “caráter normativo dos métodos de pesquisas” canônicos contidos nos manuais. É com este ímpeto que as organizadoras da obra, Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso, expõem no texto de apresentação – *Metodolo-*

*gias de pesquisas pós-crítica ou sobre como fazemos nossas investigações, os caminhos, as formas, os jeitos de como a pesquisa se tornam um ato pedagógico não linear. Pedagógico no sentido de que permite pensar as metodologias como possibilidade de condução da pesquisa para além das regras estabelecidas por premissas fixas e caminhos certos, mas, como uma forma de produzir pesquisas mais abertas, sem, contudo, perder a rigorosidade de uma ciência séria.*

Alicerçado na ideia de que as metodologias referem-se às formas de perguntar, as “estratégias de construir” elementos que provocam, principalmente, à instabilidade do/a pesquisador/a, as autoras mostram que os dados não estão aí, disponíveis e a espera de serem achados, pelo contrário, devem antes de tudo serem produzidos na articulação densa com a teoria. É com esta compreensão que afirmam que as pesquisas pós-críticas em educação são construídas no “gingado” do/a pesquisador/a, capaz de se movimentar “para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos, aproximando-nos” (p. 16).

Colocar na “zona de risco” as verdades; problematizá-las, revê-las, redefini-las, contestá-las, construir novas rotas, explorar novos lugares, redesenhar mapas, projetar direções, seguir “novos ventos”, mas, contudo, “focar o objeto”, saber fazer pausas e repensar estratégias de pesquisas é, para os/a autores/a que compõem esta obra, a característica

fundamental para “aqueles/as que se aventuram a investigar sem ter um caminho seguro a percorrer durante esse processo de pesquisa” (p. 18).

Trata-se de textos produzidos em função das pesquisas de Pós-Graduação dos/as autores/as e, referem-se às experiências de pesquisas a partir das teorias pós-críticas em educação. Com a seriedade e rigorosidade que requer a pesquisa acadêmica, a obra está distribuída em treze capítulos que se distribuem em 308 páginas destinadas a desafinar nossas “certezas” metodológicas; provocar os conceitos que utilizamos para pesquisar, a nos produzir uma profunda irritação teórica e metodológica. Dos textos apresentados na obra, sem perder de vista a importância do conjunto, escolhemos para compor esta resenha, respectivamente os capítulos três, seis, nove e treze, por entender que estes materiais podem interessar ao leitor, pesquisadores ou não em educação que estão dispostos a novos desafios.

### **Uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas de inclusão social**

O texto arquitetado por Karin Klein e José Damico, refere-se às experiências de doutorado destes/a autores/a em pesquisas a respeito das políticas públicas de inclusão, ambas realizadas no Estado do Rio Grande do Sul. O trabalho de Klein, busca inferir uma compreensão ampla a respeito da atuação das políticas de Estado voltadas para a promo-

ção de uma primeira infância melhor, discutindo o processo governamental destas políticas nas formas de “enunciar, educar e regular, fundamentalmente as mulheres” (p.64), problematizando as formas de governo sobre as maneiras específicas de “exercer a maternidade”. Já o trabalho de Damico, busca compreender “as formas de governo da juventude em políticas de segurança pública” (p.64), abordando as práticas de governamentalidade instituídas nas periferias da urbanidade.

Ambas as pesquisas, são produzidas tendo como fundamento a utilização do método etnográfico pós-moderno, que segundo os/a autores/a, e, nos casos específicos de suas pesquisas, possibilitaram compreender como “[...] as políticas de inclusão atuam também na conformação de subjetividades, ao exigir o cumprimento de um conjunto de práticas a serem incorporadas em contrapartida ao usufruto de algum tipo de benefício [...]” (p. 65), por parte dos grupos estudados.

É importante mostrar o caráter polissêmico da metodologia que utilizam estes/a pesquisadores/a ao incorporarem no conjunto de dados produzidos, a análise de documentos, panfletos, narrativas, músicas, filmes, anotações de grupos de discussões, entrevistas, entre outros artefatos que compreendem serem importantes as pesquisas que desenvolvem. Klein e Damico mostram a abertura metodológica, o caráter híbrido com que constroem os caminhos de suas pesquisas, sem, con-

tudo, deixar de exporem o “objeto” que capturam – as formas como as políticas públicas estão implicadas em relações de poder, instituídas em um conjunto de tessituras que servem as práticas de governo.

Como “fechamento”, os/a autores/a “trazem para dentro da narrativa do texto etnográfico, a polifonia”, as múltiplas vozes que compõem a “ópera” social, suas entoações, desentoações, graves e agudos que “marcam as relações de poder”, possibilitando, deste modo, compreender as políticas públicas e os sujeitos não enquanto “entidade prévia do discurso”, mas como “o próprio efeito da discursividade” (p. 67).

### **Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde**

Utilizando como lócus, lugar de produção de conhecimento as redes sociais, principalmente o Orkut e RNA-JVHA – Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS, Jeane Félix, instiga-nos a olhar a internet como campo de produção de dados empíricos. Fazendo uso de ferramentas instantâneas de comunicação, a autora mostra os desafios e a seriedade da pesquisa on-line.

No período de Novembro de 2010 a Maio de 2011, Jeane “circulou” pela internet, conversando com jovens soropositivos, o qual denominou em sua pesquisa de jovens+. Em função de sua tese de doutorado em educação, produzida

na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Jeane reinventa a forma clássica de fazer entrevista. Sem perder de vista o peso da narrativa, a autora produz uma nova mistura, disponibilizando uma nova rota aos “navegantes” das pesquisas pós-críticas, ao juntar a entrevista narrativa aos textos escritos nos diálogos instantâneos das redes sociais. Mostrou que em suas entrevistas, o “estar perto e estar longe podem ter significados similares e diferentes, dependendo da situação e às vezes de um clique no mouse” (p. 135). Cuidadosamente, selecionou quinze comunidades do Orkut, expôs suas intenções, “provocou” os/as jovens+ a falarem de si, a narrarem “suas vivências soropositivas e os sentidos que atribuem a ela” (p. 133). Criou laços com estes/as jovens que não se soltaram mesmo depois de terminado sua pesquisa.

Trata-se de um texto destinado àqueles/e que queiram se aprofundar em pesquisas on-line, a compreender os trejeitos, os meandros que a pesquisa em rede e na rede pode provocar, ou seja, “a especificidade da utilização da internet como ferramenta de produção de material empírico de pesquisa” (p. 149).

### **Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico**

Devemos começar questionando nossas certezas, nos instiga a pensar Maria Cláudia Dal’igna. A autora produz um estudo sobre a relação família-escola, especificamente com um grupo

de famílias atendidas pelo Programa de Educação e Ação Social (Educas), dentro deste, um grupo de 10 mulheres-mães de crianças atendidas pelo programa e que, compunha o Grupo *Sala de Espera* vinculados a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Utilizando os subterfúgios da entrevista e, especificamente as possibilidades do Grupo Focal, a pesquisadora mostra a necessidade constante que temos em *exercitar a suspeita*. Inspirada em Foucault, apresenta que “a verdade é produzida neste mundo e nele produz efeitos” (p. 198) e, com essa máxima, a autora nos interpela: “assuma suas intenções”; “abandone a pretensão de totalidade”; “adote uma postura ética”. Amparada nas teorias pós-críticas, nos estudos Foucaultianos articulado a uma visão antropológica, a pesquisadora apresenta as formas e os desafios do Grupo Focal, mostra o passo a passo do uso desta metodologia em sua pesquisa, desde a composição do grupo aos desdobramentos que a levaram a concluir na necessidade de “suspeitar do próprio problema de pesquisa” (p. 213), convocando aqueles/as interessados/as a criarem “uma agenda de pesquisa que mantenham viva a vontade de fazer a crítica e de transformar” (p. 213).

### **Mapas, danças, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação**

“Pesquisar é experimentar, arriscar-se, deixar se perder” (p. 279),

evidenciou Thiago Ranniery Moreira de Oliveira, ao expor com densidade e leveza, as formas pelo qual se tornou um “cartógrafo em educação”. O autor apresenta o método, se é que podemos captar com esta palavra o jeito como cartografou “os escritos do poeta, dramaturgo e ensaísta Antonin Artaud” (p. 284). Com seu texto, nos provoca e produz inquietações a respeito da produção de um currículo versado em imagens do teatro, da literatura, da filosofia e da geografia.

Amparado teoricamente e, principalmente em Deleuze e Guattari, Oliveira chama a atenção para o fato de que o “método” cartográfico que utiliza “é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da ex-

travagância e da exploração” (p. 282). O autor mostra a necessidade de se utilizar a (des)territorialização nas pesquisas em educação, observando o ritmo dos fluxos, dos fragmentos, sem contudo, tornar qualquer pesquisa em educação uma totalidade.

Aponta que os/a pesquisadores/a em uma postura pós-crítica devem possuir “olhares ciganos” pelos quais podem desconfiar da fixidez, dispor-se a desafios, aos devires. Trata-se de um texto, destinado a provocar no/a leitor/a o exercício do olhar cartográfico, provocar aqueles/a que compreendem que a vida que pulsa “não para de movimentar-se nos territórios educacionais” (p. 282), um texto que definitivamente não deixa de mostrar que “a cartografia não dispensa a viagem” (p. 283).

**Recebido em fevereiro de 2014**

**Aprovado para publicação em abril de 2014**